



A INCLUSÃO PARTICIPATIVA DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA

Autora: Raquel Spigolon Bettio

RESUMO

De acordo com o dicionário, “inclusão” é o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. Na Educação, “inclusão” é sinônimo de “desafio”, um desafio nos faz pensar e repensar, ir e vir, construir e reconstruir diariamente nossa prática, tentando garantir igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças e singularidades presentes na sala de aula, de modo a garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos. Pautada nessa premissa, na E.M. “Prof. Euclides Buzetto”, venho desenvolvendo em sala de aula um trabalho diferenciado com um aluno deficiente visual, com o auxílio de uma professora, sem a qual um trabalho tão específico, envolvendo todas as áreas do conhecimento seria impossível. O objetivo deste trabalho não é só o de instrumentalizar o aluno para que possa ler, escrever e calcular utilizando o sistema “Braille”, mas também proporcionar a ele a vivência de tudo que acontece na escola, utilizando para isso todos os seus sentidos e também oportunizar aos outros o verdadeiro significado de “enxergar com o coração” e não necessariamente com os olhos. Todas as aulas e atividades são adaptadas às especificidades da deficiência visual, para isso são utilizados materiais diferenciados, sempre de acordo com temas e projetos propostos no currículo comum da sala de aula. Neste primeiro semestre, ainda não pôde ser constatada uma grande evolução em sua aprendizagem no que diz respeito à aquisição do sistema Braille, mas pudemos notar um considerável avanço nas questões que envolvem sua mobilidade e independência no uso dos espaços e também na utilização e conhecimento de objetos ligados ao cotidiano escolar. Oportunizar ao deficiente visual uma vida independente é um grande desafio, mas é imprescindível para sua vida em sociedade, proporcionando a ele uma vida plena com o acesso ao mercado de trabalho. O investimento da escola e as parcerias são necessários para que este trabalho seja efetivo. A Fundação Dorina Nowill para Cegos, além dos materiais gratuitos enviados à escola e a família do aluno, possui uma gama de livros que a escola vem aos poucos adquirindo com recursos próprios para ampliar ainda mais o repertório do aluno, proporcionando a ele oportunidades de contato com a leitura. Os maiores desafios do professor são o de se instrumentalizar para tal trabalho e conseguir uma real parceira da família, para que seja capaz de fazer a diferença na formação deste indivíduo, conseguindo cumprir com o seu real papel de educador.

Palavras - chaves: inclusão. deficiente visual. desafios cotidianos. formação.



ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Autora: Daniela Gatti Roberti Alves - daniroberti@gmail.com

Coautora: Daniella Saez Cintra do Prado Toniollo

RESUMO

A adaptação curricular ou plano de ensino individualizado, é direito essencial de todo aluno portador de deficiência, conforme LDBEN 9394/1996, artigo 59, inciso I. No entanto, nas unidades escolares, a inclusão ainda é um grande desafio, na medida em que nos deparamos com uma diversidade muito grande entre os saberes e necessidades desses alunos que se une muitas vezes ao nosso despreparo e formação insuficiente. Após anos de trabalho e inúmeras tentativas, a nosso ver conseguimos adequar o trabalho com a adaptação curricular, tendo foco dois alunos com necessidades diferentes dentro de uma mesma sala de quinto ano: um aluno autista e uma aluna cega. A dupla docente (professora titular e professora auxiliar), com o apoio do NUMAPE (Núcleo Municipal de Apoio Pedagógico Especializado), tem se dedicado na execução dessa difícil tarefa, mas igualmente recompensadora, essa apresentação é com o intuito de compartilhar experiências. Na tentativa de obter maior interação e que os alunos estivessem de fato incluídos foi necessária adaptação do currículo em todas as áreas do conhecimento e essa adaptação inclui metodologia, materiais, avaliação, enfim todo planejamento. Isso permitiu que os alunos participassem das aulas podendo acompanhar o conteúdo proposto para o quinto ano, levando em consideração suas dificuldades. O material adaptado para autismo tem um foco mais visual, relacionando imagens aos conteúdos e para deficiência visual foram usados materiais táteis e Braille. O processo de adaptação curricular e dos materiais depende de uma experimentação inicial que inclui o conhecimento dos alunos e suas habilidades, uma análise de conhecimentos prévios dos conteúdos que já foram ministrados e de que forma, várias formas diferentes de apresentação dos conteúdos a fim de proporcionar maior interação e aproveitamentos das aulas, além de um cronograma que inclui as avaliações, não só as dos conteúdos, mas também a avaliação do trabalho que vem sendo desenvolvido para proporcionar mudanças e ajustes objetivando o avanço nas aprendizagens. Entendemos que a adaptação curricular, na medida em que for “exercitada” se torna cada vez mais possível e viável, cabe aos sistemas de ensino possibilitar cada vez mais melhores condições para que ela ocorra, a nós educadores é importante ser sensível e assumir nosso papel com muito profissionalismo.

Palavras - chaves: adaptação. curricular. inclusão.



INTEGRAÇÃO: VIVÊNCIAS NA PRÁTICA DA INCLUSÃO NA CRECHE

Autora: Janaina do Carmo Torrigo de Moraes

Coautora: Regina Helena Machado Santos

RESUMO

O projeto “Saberes e fazeres: a intensidade da infância na creche” (2017) foi desenvolvido na Escola Municipal “Joaninha Morganti”. Nos primeiros meses de desenvolvimento do trabalho, a direção fez provocações que fizeram a equipe repensar as atividades. Após essa reflexão, a turma do parcial da 1ª etapa do ciclo II de educação infantil, com a intenção de repensar o papel nas relação/relações Professor/criança reconduziu suas práticas. No segundo semestre, a partir da acolhida pós-recesso, visando o retorno de uma das crianças no ambiente escolar, a equipe e as famílias organizaram uma visita a essa criança, na expectativa do seu regresso a comunidade escolar efetivando a sua inclusão. Com o seu retorno, suas potencialidades foram identificadas, reconhecidas, valorizadas e agregadas nas relações com a turma, com as demais crianças e os adultos da creche. Nesse processo, com a mediação da professora, a turma desconstruiu a ideia de que a relação que poderia ser constituída para a inclusão seria apenas entre professor e criança. Assim, o sentimento de pertencimento não foi o de uma criança na turma, mas da turma com a creche. Os registros e observações durante as vivências da turma demonstram que o experimentar, o sentir, o pulsar nas relações produz efeito na constituição dos sujeitos. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido com turma deu para a professora a oportunidade de perceber a inclusão com um novo olhar, o da integração.

Palavras - chaves: vivências. inclusão. práticas.